

# A NOSSA INDEPENDÊNCIA É UMA VITÓRIA TOTAL E ABSOLUTA

— Presidente Samora

Uma brilhante intervenção na Escola do Partido, foi talvez o momento mais importante da recente visita que o Presidente Samora Machel efectuou à República Popular do Congo.

O Presidente Samora Machel foi intensamente ovacionado e as suas palavras encontraram importante eco na imprensa e rádio daquele país africano.

O tempo é escasso e os nossos temas, os nossos problemas, são grandes. Eu tentei fazer umas notas. Não sei se essas notas irão ao encontro dos interesses desta audiência. O Camarada Nguesso introduziu aqui um novo tema: África Austral. Vou talvez abandonar as minhas notas. O Camarada Nguesso falou da agressividade do agente do imperialismo na África e em particular na África Austral: o regime do «apartheid».

A África do Sul tornou-se República em 1961. Antes de se tornar República, era União Sul-Africana. Eram vários Estados. Mas o domínio político, económico, era dos ingleses. Portanto era colónia dos ingleses. Desde há cerca de 250 ou 300 anos que estão presentes na África do Sul brancos que saíram da Holanda. Eram fanáticos de uma religião e foram expulsos da Europa. Movimentaram-se pela África e fixaram-se em Cabo de Boa Esperança, que eles chamam Cape Town. Espalharam-se pela África do Sul, essencialmente virados para a agricultura e como criadores de gado. Mais tarde chegaram os ingleses. Tomaram a África do Sul. Colonizaram o Lesotho, colonizaram a Suazilândia e o Botswana. E, a partir dessa época, começaram a descobrir a riqueza imensa daquela zona de África. A maior concentração de ouro está na África do Sul. É o maior produtor de ouro no Mundo. A África do Sul é o maior produtor de diamantes. A África do Sul é um dos maiores produtores de cromo, de urânio, de carvão e de ferro.

Então a Inglaterra fez da África do Sul uma potência colonial, potência da África Austral, Lesotho, Suazilândia, Namíbia, Botswana, Zimbabwe, Zâmbia, Moçambique, Tanzânia, dependeram totalmente da África do Sul durante 200 anos. E um caso complicado o da África Austral, camaradas.

A África do Sul desenvolveu a exploração de todos os minérios e minerais. A África do Sul desenvolveu uma indústria química, a indústria de construção, construiu muitas siderurgias, vários complexos. Produz tudo, a África do Sul. É uma potência que hoje produz aviões «stratoc», produz armamento, produz carros de assalto.

Então, a África do Sul teve os investimentos de todo o Ocidente. Em primeiro lugar da Inglaterra. Em segundo, dos EUA. Em terceiro, a RFA. Depois vem a França, o Japão e alguns países nórdicos. A África do Sul emprega portugueses. Vivem e trabalham na África do Sul 700 mil portugueses. A África do Sul emprega também espanhóis. Os portugueses e os espanhóis trabalham nos serviços secundários. A África do Sul emprega italianos. Muitos europeus, depois da Segunda Guerra Mundial, desceram para a África do Sul.

Depois da Segunda Guerra Mundial os fascistas, todos os nazis desceram para a África do Sul. Da Itália de Mussolini, da França, de toda a Europa, desceram para a África do Sul. É assim que devem compreender as origens do «apartheid». Está ligado ao nazismo e ao fascismo. É o complexo da superioridade da raça. E acontece que hoje todo o Ocidente necessita da África do Sul.

## OS VENTOS DO NACIONALISMO

O ANC foi formado em 1912. Em 1921 formou-se o Partido Comunista da África do Sul. A partir daí, fizeram uma aliança. O movimento nacionalista na Tanzânia (Tanganica na época), na Zâmbia (Rodésia do Norte na época), do Zimbabwe (Rodésia do Sul na época), Bechuanalândia (hoje Botswana), Basutolândia (hoje Lesotho), Suazilândia, Niassalândia (hoje chamado Malawi), no Quênia, Uganda, todos esses movimentos, todos esses líderes, formaram-se a partir da África do Sul. O vento do nacionalismo veio da África do Sul. E em Moçambique, isso não aconteceu. O sistema fascista português não deixava formar partido nenhum. Não havia democracia. Nós tínhamos o colonialismo e fascismo ao mesmo tempo.

Em toda esta época os sul-africanos brancos segregaram a maioria. E por isso que quando proclamam a República, fica República dos brancos e não dos pretos. As manobras do imperialismo destinam-se a manter a África do Sul sempre nas suas mãos. Garantir que as riquezas da África do Sul beneficiem o Ocidente. E os sul-africanos brancos, para preservar o poder que têm adoptaram então a política do «apartheid». Adoptaram a política do chamado desenvolvimento separado. Os negros que se desenvolviam numa direcção e os brancos para outra direcção. Não querem partilhar o poder com os negros. Criaram a política de bantustões. Bantustão é o significado de reconhecimento de cada tribo. Cada tribo ter a sua independência, ter o seu Estado. É isto que nós chamamos falta de coerência por parte da política da África do Sul. Porque se eles fazem bantustões, deviam criar também bantustões para os ingleses, que são dois milhões na África do Sul. Deviam criar bantustões para os próprios boers. Deviam criar bantustões dos portugueses que estão lá, dos italianos, dos espanhóis. Assim acariariamos a sua coerência.

O bantustão não é senão a política de dividir para reinar. Normalmente, um bantustão não tem contiguidade geográfica. Normalmente um bantustão é nas zonas áridas. Não se localiza nas zonas férteis, nas zonas ricas. Este é o primeiro quadro que nós temos da África do Sul. A África do

Sul proclamou a República e entrou nas Todas as organizações africanas foram banidas da África do Sul. E assim que os líderes do ANC fogem da África do Sul, nos anos 61/62.

Na Rodésia do Sul estava a Grã-Bretanha. Em 1965, os brancos, 270 mil, proclamaram a independência unilateral. A primeira declaração da Inglaterra foi de não intervir militarmente, porque esta declaração de independência era já um plano antigo de criar uma zona de brancos na África Austral. Portanto, estavam dois Estados racistas: África do Sul e Rodésia do Sul. E estava Moçambique.

## A VITÓRIA TOTAL DA FRELIMO

Em 1964 o ANC já tinha 50 anos. Em 1964 desencadeámos a luta armada. A luta armada foi o agente que acelerou as contradições abertas na região. Em 1965 a África do Sul participa nas acções operacionais, ao lado do exército colonial, contra a FRELIMO. Derrotámos. A guerra desenvolve-se, vai até Zâmbia. A África do Sul proclama a zona do Zambeze como fronteira para a acção da FRELIMO. Os sul-africanos diziam que não queriam guerra no rio Limpopo. O rio Limpopo vem da África do Sul, faz fronteira com o Zimbabwe e a África do Sul. A guerra devia parar no Zambeze, diziam. E para isso as forças rodésianas entraram também contra nós, ao lado das forças coloniais, em 71, 72, 73, 74. A África do Sul enviou também as suas unidades para reforçar o exército de Smith e o exército português. Houve tentativas de alguns portugueses reacçãoários para proclamarem a independência no Sul de Moçambique, tentando formar uma zona branca que se acrescentaria à Rodésia do Sul e à África do Sul. Mas já era tarde, em 1974. A luta estava já no centro do nosso País. Era tarde porque o exército já estava esgotado, estava derrotado. E em 1974 derrotámos o exército colonial. O nosso exército é uma honra para África. E um exército que derrotou pela primeira vez na História da África um exército europeu. (Aplausos prolongados). Nessa altura, o mito da superioridade racial estava destruído. Então, tiveram que negociar conosco. Os portugueses negociaram com a FRELIMO, com mais nenhum movimento em Moçambique. Fizemos exigências ao nível de três princípios: Um, Portugal deve reconhecer o direito de autodeterminação e independência do Povo moçambicano; dois, o Governo português deve reconhecer a FRELIMO como o único e legítimo representante do Povo moçambicano; três, Portugal deve reconhecer o princípio de transferência para a FRELIMO de todos os poderes que ainda detinha. Devem compreender que a FRELIMO, nessa altura, já não era um simples movimento de libertação, já não era uma simples Frente. Já tinha uma ideologia forjada na guerra. A FRELIMO já

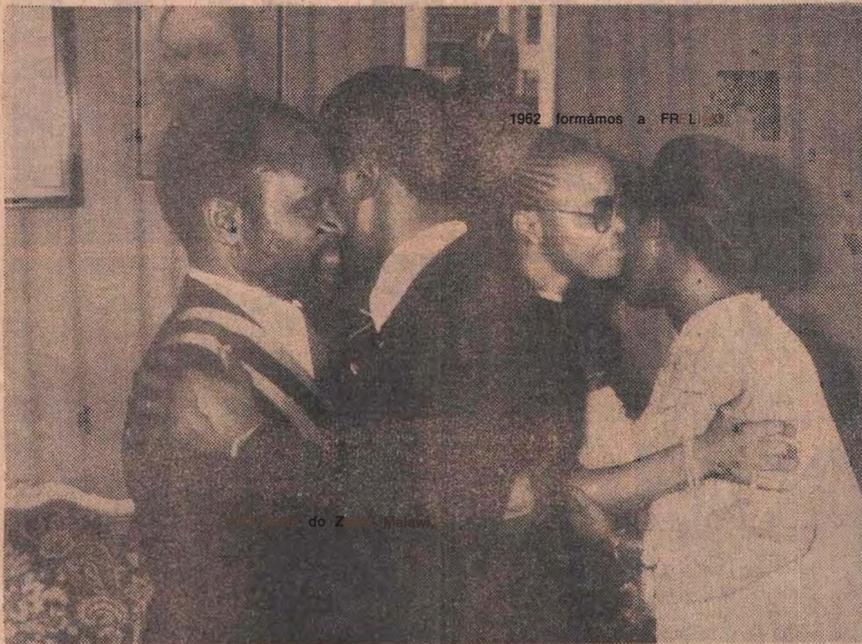
é fácil para muitos identificar o colonialismo quando se trata do colonialismo estrangeiro e europeu. É fácil para nós todos aqui definir o inimigo. Mas, à medida em que a luta foi se desenvolvendo, fomos compreendendo: há o imperialismo, há o capitalismo. Como podem ver, quando fomos desenvolvendo a luta, a África do Sul participou. Um país africano, portanto, ao lado do colonialismo estrangeiro. A Rodésia participou contra nós. Portugal teve apoio da NATO. Então, a nossa luta era anti-colonial, era uma luta anti-capitalista, era uma luta anti-imperialista. Tinha já carácter de revolução. Já não era exigência somente da bandeira, não era somente a exigência da independência política. Tínhamos compreendido que era já uma luta revolucionária, porque já



Uma tenda dos subúrbios

estava a lutar militar, na luta diplomática, na luta política e na luta económica. Por isso a nossa vitória foi total, do ponto de vista político, ideológico e militar. Foi total. E isso que nós faz resistir até hoje. Havia uma definição correcta do inimigo, o que é importante. Quem é o inimigo? No princípio da nossa guerra, o inimigo era o colonialismo português. E muitos nacionalistas aderiram à Frente de Libertação nessa altura: religiosos, não religiosos, com ideias capitalistas. (Risos, aplausos). Expulsar o inimigo do País era o

objectivo, mas definimos correctamente o colonialismo. O colonialismo não tem cor, o colonialismo não tem raça, o colonialismo não tem Pátria. Portanto, não é só o branco que é colonialista. E por isso que falamos sobre Marrocos, o novo fenómeno em África. (Aplausos prolongados). E por isso que falamos hoje de novo fenómeno em África: a colonização africana, a colonização interna, que é Marrocos, que coloniza o Sahara.



Momento em que o Presidente Samora Machel e sua esposa eram recebidos por Denis Nguesso e esposa. O Presidente moçambicano foi distinguido com a mais alta condecoração da R.P.C.

ção, que ficasse a organizar o Partido e a organizar as Forças Armadas, para a proclamação de independência. Então, dissemos: libertação dos líderes do Zimbabwe, primeira condição. A segunda, organização de uma conferência nacional para a independência do Zimbabwe. E verdade que Joshua Nkomo foi libertado. Gabriel Mugabe, foi libertado, Ndeabening Sitohle, foi libertado. E muitos, todos os líderes do Zimbabwe foram libertos. Outra: dissemos à África do Sul para retirar as suas unidades policiais e militares da Rodésia. E é verdade que retirou as suas forças, na época de Vorster. Em Agosto de 1975, houve uma reunião de todos os líderes do Zimbabwe com Ian Smith em Victoria Falls, para encontrar a solução pacífica do Zimbabwe. Houve fracasso, desconhecemos as razões. Mas o Camarada Nguesso sabe.

Depois desse fracasso, os países da Linha da Frente — antes da independência de Angola (na altura eram a Tanzânia, Zâmbia, Botswana e Moçambique) — encarregaram Moçambique de organizar a guerrilha no Zimbabwe, unir as forças combatentes do Zimbabwe. Estava-se em Setembro de 1975. E conseguimos fazer isso. Em 17 de Janeiro de 1976, a partir de Moçambique lançaram-se os primeiros ataques contra a Rodésia de Ian Smith. E a guerra começou, meus amigos. (Aplausos). E a África do Sul participou ao lado de Ian Smith, sobretudo no ataque a Moçambique. E nós tivemos de enviar mais de 3000 homens para o Zimbabwe. Durante três anos combateram ao lado dos zimbabueanos.

Nessa altura, era invadida pelo Idi Amin. Moçambique mandou tropas para ajudar a Tanzânia, porque é a nossa retaguarda. Desencadeámos a guerra de Libertação a partir da Tanzânia. Olhamos a Tanzânia como nossa retaguarda. Olhamos a Zâmbia como nossa retaguarda. E por isso que nós felicitamos o Congo. O Congo para nós é como a Tanzânia. Quando proclamamos a independência definimos quatro países prioritários: Tanzânia, Zâmbia, Congo e Guiné-Conacri. São países que fizeram da nossa guerra, sua guerra. Mas o que nos impressiona aqui, camaradas do Congo, é que vocês não vieram da Guerra de Libertação Nacional. Mas estão a fazer a Revolução. (Aplausos). Vocês estão a construir o socialismo científico. (Queríamos clarificar este ponto: nem toda a luta armada é Revolução. Entenderam, meus amigos? (Aplausos prolongados). Se todas as lutas armadas fossem revoluções, estava transformado este mundo todo. Mas os camaradas do Congo têm uma definição correcta do inimigo.

## OS PRINCÍPIOS, A TÁCTICA E A ESTRATÉGIA

Volto para a África Austral outra vez. Vejam as forças que combateram contra a FRELIMO: o colonialismo português, o regime do «apartheid», a República da África do Sul, portanto, o regime ilegal de Ian Smith. E nós derrotámos essas forças. Como é que nós temos aguentado? Onde vem esta força? Nós não temos armas. A força é o nosso povo, a nossa força são os nossos quadros. (Aplausos). São quadros profundamente dedicados ao povo, formados para servir o povo.

Os nossos quadros são profundamente formados ideologicamente. Cla-

Na ocasião, o dirigente moçambicano revelou factos inéditos da luta de libertação na África Austral e transmitiu a experiência da Revolução moçambicana no contexto do Sul do continente. Transcrevemos, na íntegra, a referida intervenção:

reza ideológica e clareza dos objectivos. Isso é que é o fundamental. A capacidade de tirar lições da revolução dos outros povos. A capacidade de aplicar nas condições reais do nosso País os princípios universais do Marxismo-Leninismo. Nós somos contra o populismo. (Aplausos). Nós somos contra a demagogia. (Aplausos). Nós somos contra o dogmatismo. (Aplausos). Nós somos contra o empirismo. (Aplausos). Existem os prin-

Mas desta vez a cara de cada um era o sol do meio-dia. (Aplausos). A alegria estampada na cara. A emoção, a esperança no futuro, um futuro melhor. Por tudo isto devemos felicitar o Camarada Nguesso. (Aplausos). Vocês, como congoleses aqui, têm dificuldades de ver as vossas próprias realizações, as vossas próprias vitórias, os sucessos, as vitórias que vocês alcançaram em pouco tempo. Sabem, os religiosos dizem que Cristo não conseguia ver a sua aureola. Nunca soube que era portador desse brilho.

O Camarada Nguesso transporta a este brilho e contamina os outros. Viamos os complexos, encontramos o dinamismo, o interesse de estudar. E penso que este interesse de formar quadros existe porque a batalha central hoje é a economia. Em cada sector encontramos a palavra de ordem sobre a questão económica: administração, gestão. Nós, revolucionários, não devemos ficar contentes, não temos comida, quando não temos roupa, quando ainda não calcamos o nosso povo. Não devemos ficar contentes quando ainda não conseguimos habitação para o nosso povo. Não devemos ficar contentes quando ainda não temos água canalizada para todos. E nós estamos contentes porque estas preocupações estão com o Camarada Nguesso. Isso mostra que o nosso Camarada Nguesso é um bom estratega, é um bom pensador, é um bom realizador, é um bom economista. (Aplausos).

Isso é que se chama revolucionário. O revolucionário, primeiro, tem de se tratar bem, ele próprio, para poder ensinar os outros, tem que saber cuidar da sua própria casa, para poder educar o povo a respeitar a casa. E nós saudamos muito, desta vez o Congo, o vosso Partido, os vossos quadros, porque em toda a parte onde andámos encontramos higiene, Higiene mental, higiene de espírito, também. O caminho está correcto. Há dificuldades, é verdade. Uma revolução sem dificuldades não é revolução. Estes são os nossos problemas em Moçambique. Smith criou os bandidos armados. A partir de antigos PIDE's. A partir dos comandos do exército colonial. A partir das tropas especiais, a partir de marginais, anti-sociais, criminosos. Missão: destruir o poder popular. E nós organizámos, estruturámos o Partido até à locali-

dade e na fábrica. E onde está o segredo. O Partido deve existir ao nível da fábrica. (Aplausos).

Quando vocês proclamaram neste nosso Continente, pela primeira vez, um Partido marxista, foi um acto de coragem. E quando proclamaram, aqui rodeados, a República Popular do Congo, foi um acto de coragem. E nós devemos aprender de vocês. Nós devemos aprender dos nossos irmãos do Congo. Aprender dos vossos erros, para não cometermos esses erros. Se vocês cometerem, nós já não precisamos de cometer, não é verdade? (Risos). E consideramos aquilo que foi vitória para vocês. Depois, aprendamos o segredo dessas vitórias. Onde está o segredo da vitória. Nós, revolucionários, sempre devemos aprender onde está o segredo da



Nas ruas, as tendas sucedem-se com géneros alimentícios. Sinal que o problema do abastecimento está quase completamente resolvido

cada vitória. E agradecer muito ao Camarada Nguesso. (Risos, aplausos). Quando estamos reunidos com eles aprendemos muito, particularmente nos momentos difíceis da OUA. Não é só filho querido do Congo, é filho querido de todos os revolucionários. É um Camarada muito profundo, analítico. O Camarada Nguesso gosta de compreender o porquê, o detalhe. Um revolucionário consequente é aquele que é capaz de combinar o particular com o geral, o que não é fácil. Mas o Camarada Nguesso consegue fazê-lo. (Aplausos).

## A AGRESSÃO CONTRA MOÇAMBIQUE

Depois da proclamação da independência do Zimbabwe, a África do Sul levou 10 mil bandidos de Moçambique. Transportou-os para a África do Sul. Mercenários de Smith, soldados de Smith, soldados de Muzorewa, soldados de Ndeabening Sitohle, foram levados para a África do Sul. São esses que atacam e ocupam Angola. São esses que operam na Namíbia. São esses que destroem a economia moçambicana. O alvo essencial dos bandidos armados são as mulheres, são as crianças, são os velhos. Jovens são raptados para serem drogados, para praticar crimes. Coram ouvidos das mulheres, cortam lábios às mulheres, cortam nariz, coram seios, obrigam mulheres grávidas de sete meses a uma marcha de cem quilómetros. Obrigam uma mulher que

deve beber há menos de uma semana a marchas de cem quilómetros. Raptam raparigas e assassina-nas. É uma calamidade, um flagelo. Este permanente drogado. E é isto que chamam de oposição em Moçambique. Mas desencadeámos uma ofensiva militar, a partir de 82. Em fins de 1983 já tínhamos 3500 prisioneiros de bandidos armados, com o seu equipamento. No plano internacional, desencadeámos uma ofensiva diplomática com vista a isolar a África do Sul, apresentar ao Mundo a África do Sul como desestabilizadora, como agente perturbador da região, como contra a paz, como colonialista na Namíbia, como agressora e expansionista em Angola. E este nosso ponto de vista triunfou no Mundo. Portanto, triunfamos do ponto de vista militar, político e diplomático. O povo ficou a conhecer a natureza dos bandidos armados. Porque no início diziam que eles são contra o Socialismo, são contra o capitalismo. Mas quando começaram a saquear as lojas dos comerciantes privados, ficaram desmascarados. Quando começaram a raptar irmãos de cidade, desmascararam-se. Por isso, a razão está sempre ao lado da revolução. (Aplausos).

Muito obrigado. (Aplausos prolongados).